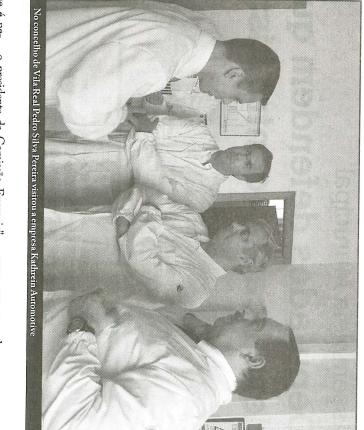
Partido Socialista

Europeias vão representar um "referendo às políticas de austeridade"

"É preciso dizer basta", defendem os socialistas que classificam as eleições do próximo dia 25 como a oportunidade dos portugueses, e em especial dos transmontanos, se "pronunciarem sobre as políticas que foram seguidas nos últimos três anos" e "manifestarem o seu desejo de mudança". Pedro Silva Pereira sublinhou a importância do ato eleitoral e lembrou que "a abstenção não muda nada", pelo contrário, representa "o maior adversário da democracia e da mudança política que o país precisa"



MARIA MEIRELES

menos de um mês para mais um ato eleitoral europeu, Pedro Silva Pereira, o sétimo da lista de candidatos do Partido Socialista (PS) ao Parlamento Europeu passou por Vila Real para deixar uma mensagem "clara": "É preciso que estas eleições sejam aproveitadas como a oportunidade para travar as políticas de austeridade".

O candidato considera que a nova subida do IVA e da Taxa Social Única vai contra o que tinha sido garantido "há três anos e há 15 dias" e represen-

ta uma "provocação aos portugueses", uma prova de que "este Governo não é de confiança".

"E preciso que estas eleições sejam aproveitadas como a oportunidade para travar essas políticas. O que está em jogo, o que vai a votos, é a austeridade", sublinhou o mesmo responsável político.

crescimento

Mais, o candidato considera que o voto dos transmontanos é "particularmente importante, porque a verdade é que Passos Coelho traiu a região, traiu-a com uma política de abandono, de desinvestimento, de empobrecimento e de relançamento da imigração".

Os socialistas acreditam que é necessário "a nível europeu que haja uma alteração na políticas orçamentais e de gestão da dívida pública, de maneira a conquistar espaço para as políticas de

"Tivemos ao longo destes três anos um Governo que foi subserviente, que foi incapaz de defender os interesses de Portugal na Europa. Nós precisamos dessa mudança", reforçou Pedro Silva Pereira.

O socialista sublinhou ainda outro aspeto importante destas eleições, o facto dos resultados do sufrágio "influenciar, pela primeira vez, a escolha para

o presidente da Comissão Europeia".
"Temos oportunidade de evitar que o presidente seja da família da direita, o que é fundamental".

Relativamente ao seu papel enquanto eurodeputado, o candidato garante que será "uma voz ativa em defesa dos transmontanos no PE". "Posso dizer que o PS é o único que se apresenta em condições de dar essa garantia, de ter alguém na sua lista que conhece bem a região e que está em condições para a defender a nível europeu".

Recordando que alguns dos reflexos das políticas da austeridade, que se sentiram com especial impacto na região

como, por exemplo, o encerramento dos tribunais e dos serviços de finanças, o PS acredita que estas eleições europeias "são uma oportunidade para pór tudo isso em cima da mesa" e reforça a ideia de que "será um erro trágico se os transmontanos deixarem passar essa oportunidade de mudança".

"À primeira todos caem, à segunda só cai quem quer", concluiu o candidato.

De sublinhar que, Francisco Assis, que lidera a lista do PS ao Parlamento Europeu vai voltar ao concelho de Vila Real no próximo sábado, dia dez, para uma sessão pública que decorrerá na Praça Diogo Cão.

Partido Comunista Português

"Não há inevitabilidades, há sempre alternativas"

O dia das eleições europeias aproxima-se e paulatinamente os candidatos dos vários partidos vão passando pela região. A CDU não é diferente e trouxe a Trás-os-Montes a sua número dois, Inês Zuber, um nome já conhecido no Parlamento Europeu e que sublinha a necessidade dos portugueses apostarem "na alternativa" política. A candidata alertou ainda os vila-realenses para a importância das decisões europeias no seu dia-a-dia



MARIA MEIRELES

nês Zuber, número dois da lista da Coligação Democrática Unitária (CDU) ao Parlamento Europeu, visitou Trás-os-Montes no dia dois, passando pelos concelhos de Vila Real, Mondim de Basto e Bragança.

A candidata, que já desempenha atu-

Reconhecendo que "hoje o país vive uma situação dramática", Inês Zuber a lista lembra que "não há inevitabilidades, ou seja, há sempre alternativas, há sempre o Eu-soluções".

"Não há só dois ou três partidos, há alternativas às políticas levadas a cabo hoje", reforçou a comunista, revelando desde logo algumas das propostas defendidas pelo seu partido, como por exemplo, "a renegociação da dívida, o aumento de salários e pensões para dinamizar a economia e renacionalização de setores estratégicos, para que as tais

almente o papel de eurodeputada cleita pelo PCP, defendeu que "as pessoas não podem desacreditar, porque, ao contrário do que alguns dizem, os políticos e os partidos não são todos iguais".

rendas milionárias venham para o bem coletivo e não apenas para três ou quatro pessoas".

tro pessoas".

A CDU contabiliza que, "com apenas dois deputados eleitos", no último mandato teve uma "intervenção intensa e dedicada" no Parlamento Europeu, nomeadamente 600 intervenções, 1.100 perguntas, 3.000 declarações de voto e 500 visitas e reuniões em Portugal. "Nós temos um trabalho reconhecido pelos nossos eleitores. Batemo-nos pelo interesse e defesa dos direitos dos trabalhadores e da população em geral",

sublinhou.

"Propomos que o nosso país se bata mais na União Europeia em defesa dos seus interesses e em convergência com os interesses de país em situações semelhantes", referiu ainda Inês Zuber, defendendo que, tal como aconteceu no 25 de abril de 1974, quando há vontade "é possível mudar o estado das coisas", e que as próximas eleições são um momento para os portugueses marcarem a diferença, para "apostarem numa outra solução". Admitindo que "na região ainda há um grande preconceito

relativamente às forças onde os comunistas estão incluídos, como é o caso da CDU", a candidata mostrou-se satisfeita com a forma como foi recebida em Mondim de Basto, uma vez que se começa a sentir que, "pouco a pouco, esse preconceito está a desaparecer", existindo, por isso, "muito boas perspetivas" para o próximo sufrágio.

Relativamente ao receio de uma elevada abstenção no próximo dia 25, sentida pelos vários partidos, a eurodeputada acredita que não votar não representa apenas o desinteresse dos eleitores, "tem também um significado político, significa que as pessoas estão descontentes e acham que essa é a forma de castigar os seus governantes". "Isso é profundamente errado", advertiu.

"Não podemos deixar que outros decidam por nós. Precisamente os que estão descontentes são os que têm que ir votar", alertou Inês Zuber, lembrando que o número de deputados portugueses a sentar-se no Parlamento Europeu será sempre 21, cabe aos português garantir sobre quem será escolhido, tendo sempre em mente que as decisões tomadas ao nível europeu "têm expressão concreta na vida das pessoas".